

6 - 12 - 60

A CRÔNICA de Rubem Braga

SAFRA 1960

PARIS, dezembro — Falei de coisas que mudaram em Paris nestes últimos dez anos. O que mais chama a atenção é, certamente, o número de automóveis, quase sempre novos e quase sempre franceses. Comprar um carro — pelo menos um pequeno, mas cómodo “2 chevaux” — é uma aspiração realizável para camadas cada vez mais amplas da classe média e do proletariado mais bem pago. Corresponde mais ou menos ao esforço que um brasileiro faz para comprar ao mesmo tempo uma geladeira e um aparelho de televisão. No Departamento do Sena, incluindo Paris, há um carro para cinco pessoas.

Mas a mudança realmente encantadora foi a da... mulher. Em 1947, quando aqui passei alguns meses, e em 1950, quando fiquei o ano inteiro, havia certamente muitas francesas lindas. Mas a verdade é que as jovens bonitas daquele tempo não eram tão bonitas como as de agora. A moça francesa de hoje me parece mais forte, com a pele melhor, os cabelos mais brilhantes, os *molllets* mais musculados. Parece mais sadia, mais limpa, mais cuidada — sem ter perdido nada de sua graça.

Uma parte dessa mudança deve provir do maior interesse pelos esportes, pela saúde e pela beleza; essa nova geração americaniza-se no melhor sentido, sentido do termo, no sentido desse cuidado especial que a mulher americana tem com o físico.

Lembro-me de uma noite, em 1947, no “Tabou”, nos tempos de furor existencialista, quando Juliette Grecco ainda cantava lá. Havia na sala umas quinze pequenas, muitas delas bastante interessantes, quando chegou um pequeno grupo de americanos, entre eles uma jovem alta e loura. A frescura de sua pele, o brilho de seus cabelos bem escovados e sadios irradiavam um encanto tão diferente que ela parecia tocada de luz na penumbra em que as outras sumiam. Hoje uma americana daquelas poderia entrar no “Epi-Club” sem chamar a atenção.

Está claro, porém, que a moça de hoje é mais bonita principalmente porque se desenvolveu em tempos melhores, não atravessou as penúrias da guerra, fêz-se adolescente em meio de maior conforto e principalmente com melhor alimentação.

Os franceses puderam, com a paz dentro de suas fronteiras, cuidar melhor de suas lavouras. Valeu a pena. A safra de moças 1960 é uma beleza.

186